

pátria, à liberdade, ao povo sofredor. Todavia, com todo o seu ideal revolucionário, não aceitou tranqüilamente os excessos da Revolução Francesa, verberando-os pelos seus versos e pelas colunas de seu jornal. Escondeu-se após a prisão de Luís XVI, mas foi descoberto e encarcerado. Caído, assim, em desgraça perante o Tribunal Revolucionário, foi condenado e morto na guilhotina, em 1794. *

A ópera do Giordano, sobre texto de Luigi Illica, estreada em Milão, em 1896, fixa o momento psicológico vivido pelo poeta à medida que se desenvolve o processo de sua condenação. Seu amor por Madalena de Coigny, que consegue tomar o lugar de uma condenada para poder morrer junto com seu amado (“La nostra morte è il trionfo dell’amore”), constitui uma das cenas mais bonitas da lírica italiana e só este final bastaria para justificar a popularidade da ópera. Aliás, em **Andréa Chénier** conseguiu Giordano algumas caracterizações perfeitas, em termos de ópera: o velho Gérard, que havia sessenta anos servia os Coigny (“son sessant’anni...”), e que, por graças da Revolução, se vê arvorado em juiz de seus antigos amos; a velha Madelon, cujo filho morrera na tomada da Bastilha e agora vem sacrificar no “altar da Revolução” o seu neto — l’ultima goccia del mio vecchio sangue... —, o qual, embora ainda uma criança, ela crê já em condições de “combattere e morire”; as cenas do Tribunal Revolucionário, entre outras.

De fato, não é à toa que Umberto Giordano (1867/1948), tendo escrito pelo menos meia dúzia de óperas (**Fedora, Sibéria, O Rei, Marcella, Madame Sans-Gêne**, entre outras), seja lembrado hoje apenas por **Andréa Chénier**, que continua presente nos cartazes das temporadas líricas do mundo todo e tem constituído, pelo seu “papel-título”, peça favorita dos maiores tenores do mundo. Teve em Gigli, como tem hoje em Franco Corelli, seus maiores intérpretes. É incontestável sua superioridade sobre todas as outras óperas de Giordano. Não é por acaso que isto acontece. Ocorre-me velho provérbio inglês: “Only the great perdures”. Odilon Nogueira de Matos.

*

O CACHORRINHO DO GRAMOFONE

“His Master’s Voice”, para os ingleses; “La Voix de son Maître”, para os franceses; “La Voce del Padrone”, para os italianos; “Die Stimme seines Herrn”, para os alemães; “A Voz do Dono”, para nós... Tudo isto para caracterizar o simpático cachorrinho, com a cabecinha levemente inclinada, ouvindo atentamente, ao gramofone, a “voz do

dono”. Talvez não haja no mundo marca comercial mais conhecida ou pelo menos mais simpática do que essa.

O famoso cachorrinho tem nome. Chama-se Nipper. Seu dono, o pintor londrino Francis Farraud pintou-o num quadro que interessou a uma firma fonográfica, logo que os discos começaram a aparecer. Mas, para que isto acontecesse, desenrolou-se verdadeira história, que, há pouco, foi relatada pelo dr. Carlos Gonzalez num dos seus excelentes comentários sobre discos publicados aos domingos no “Diário Popular”, de São Paulo. Mas, de uma maneira ou de outra, “Nipper está sempre presente conosco”, diz o dr. Gonzalez, pois não há discófilo no mundo que não o preze, especialmente quando “sua alma se reencarna” em magníficas gravações como as que costumam ser lançadas pela firma, hoje sua proprietária.

Aliás, o comentário do dr. Carlos Gonzalez, a que estou me reportando, veio justamente a propósito de uma excelente coleção de dez discos, “com dez novas e extraordinárias poses do Nipper” nas capas, sob o título genérico de “Os 120 clássicos preferidos do Nipper”. E certamente Nipper haveria de gostar da coleção, “porque cada volume é dedicado a um país ou a uma região, em que os característicos podem ser apontados e imediatamente reconhecidos”.

A coleção começa com o Brasil, seguindo-se Alemanha, Itália, Estados Unidos, França, Escandinávia e Finlândia, Balcãs, Rússia, Espanha e América Hispânica e Áustria. Nipper haveria, ainda, de gostar da seleção — comenta o dr. Gonzalez — “que não tem os característicos de um programa, de seguir um concerto, ou mesmo de ter o mais excepcional no campo da música”. Peças ligeiras, de fácil receptividade mesmo ao ouvinte não familiarizado com a música, mas todas elas dos compositores mais representativo dos países indicados. Tanto que o êxito da coleção foi enorme, esgotando-se rapidamente.

Apenas uma lacuna, para mim imperdoável: por que não se incluiu um disco dedicado à Inglaterra, que, afinal, é a “pátria” do cachorrinho? E quanta coisa de autores ingleses se enquadraria magnificamente no espírito da coleção! Ou será que Nipper não gosta da música de seus compatriotas? É claro que isto não desmerece o interesse o brilho de mais esta realização de Maurício Quadrio. ONM.

*

*

*